

ENCONTRO TRUMP-PUTIN: QUANDO HISTÓRIA, GEOPOLÍTICA E RIVALIDADE SE ENCONTRAM

Por Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A cúpula Trump-Putin no Alasca simboliza a complexa geopolítica ártica, onde a história, a corrida por recursos e rotas, e a rivalidade EUA-Rússia-China se encontram em um cenário estratégico vital e em disputa crescente.

E escolher o Alasca como sede da primeira cúpula com Vladimir Putin não é pouca coisa. Para Donald Trump, que domina a arte da comunicação visual e simbólica, isso representa um duplo movimento estratégico: forçar o líder do Kremlin a visitar solo americano —reconhecimento implícito da hegemonia americana — e, ao mesmo tempo, fornecer-lhe uma plataforma diplomática que reabilita, pelo menos na aparência, seu *status* internacional. Um paradoxo que ilustra a natureza ambígua desse confronto: confronto e reconhecimento, distância e proximidade.

LEGADO DE UMA TROCA HISTÓRICA: DA “LOUCURA” AMERICANA À VINGANÇA ECONÔMICA

O Alasca é mais do que apenas uma região congelada no norte do continente. É uma cicatriz na história russo-americana. Em 1867, o Império Russo, sobrecarregado pelas dívidas da Guerra da Crimeia, vendeu o Alasca aos Estados Unidos por US\$ 7,2 milhões — cerca de US\$ 120 milhões em valores atuais. A operação, decidida pelo czar Alexandre II, foi percebida pelos nacionalistas russos como uma traição e, do lado americano, como uma loucura custosa do secretário de Estado William Seward.

A descoberta de ouro em 1897, no entanto, transformou o caso em um *jackpot* estratégico e econômico: em poucas décadas, o investimento inicial havia se multiplicado por 100. Essa lembrança histórica hoje alimenta o peso simbólico de qualquer gesto diplomático nesta região: para Putin, cruzar o Estreito de Bering, com poucos quilômetros de largura, equivale a tocar um território que a memória nacional continua a considerar como arrancado da pátria.

O ÁRTICO, UMA NOVA FRONTEIRA DE RIVALIDADES: UM ESPAÇO QUE ESTÁ SE AQUECENDO... E SE ABRINDO

O Alasca foi escolhido como cenário por estar no centro de um teatro estratégico em rápida transformação: o Ártico. O aquecimento global está reduzindo a camada de gelo, abrindo novas rotas de navegação e fornecendo acesso a consideráveis depósitos subaquáticos de petróleo, gás e metais preciosos. Essas rotas podem reduzir pela metade o tempo de trânsito entre a Europa e a Ásia, potencialmente mudando o mapa do comércio global.

Para Washington, não se trata apenas de defender suas próprias abordagens ao norte, mas também de conter a presença de longa data da Rússia e o avanço metódico da China nessa área.

A ASCENSÃO DA RÚSSIA: BASES, SUBMARINOS E FROTA DE QUEBRA-GELOS

Desde 2014, Moscou estabeleceu um Comando Norte, reativando ou construindo cerca de 50 bases e instalações militares acima do Círculo Polar Ártico, superando em número a OTAN na região. Sua Marinha utiliza submarinos nucleares de nova geração, como a classe Arcturus, capazes de lançar drones e mísseis hipersônicos subaquáticos.

Mas o maior trunfo da Rússia continua sendo sua frota de quebra-gelos — mais de 50 navios em serviço, com um ambicioso plano de expansão. Essa capacidade garante a Moscou uma presença permanente, independentemente das condições climáticas, e lhe proporciona uma vantagem logística e militar incomparável.

PEQUIM: ATOR NÃO ÁRTICO, MAS AMBICIOSO: A “ROTA DA SEDA POLAR” COMO PROJETO GLOBAL

Desde 2018, a China se autodeclarou um “Estado Próximo ao Ártico” e afirma ter interesse estratégico na região. O país já possui três quebra-gelos, um dos quais é o maior já construído, e está trabalhando em estreita colaboração com Moscou para desenvolver uma “Rota da Seda Polar”. Pequim vê isso como uma extensão de sua Iniciativa Cinturão e Rota global, capaz de diversificar suas rotas comerciais, garantir recursos e aumentar seu alcance estratégico.

Essa aliança de conveniência entre Rússia e China no Extremo Norte é particularmente preocupante para Washington, que teme a consolidação de sua influência em uma região que ainda passa por mudanças estruturais.

OS ESTADOS UNIDOS NO CONTROLE: ARCTIC EDGE 2025 E A LÓGICA DA DISSUAÇÃO

A cúpula no Alasca coincide com o exercício militar Arctic Edge 2025, projetado para testar e demonstrar a capacidade dos Estados Unidos de defender o Norte contra qualquer ameaça, particularmente a russa. A lógica é clara: manter uma postura de superioridade tecnológica e operacional, ao mesmo tempo em que sinaliza a Moscou que as abordagens norte-americanas permanecem invioláveis.

O Alasca se torna, assim, a vitrine de uma mensagem dupla: poder de dissuasão e disposição para dialogar. Um equilíbrio sutil em que a demonstração militar apoia a iniciativa diplomática.

TRIÂNGULO ESTRATÉGICO E ENERGÉTICO: COMPETIÇÃO E OPORTUNIDADES

O Ártico é tanto um campo de confronto quanto uma área potencial de cooperação. Recursos energéticos, rotas marítimas e questões ambientais podem se tornar a base para um ponto em comum ocasional entre Washington e Moscou, caso surjam compromissos geopolíticos mais amplos (particularmente em relação à Ucrânia).

Para a Rússia, vincular-se a um acordo com os Estados Unidos no Norte poderia contrabalançar sua crescente dependência da China. Para Washington, isso significaria limitar a projeção russa e a influência chinesa.

ALASCA, ENCRUZILHADA DO PASSADO E DO FUTURO

Além do simbolismo histórico, o Alasca hoje personifica a realidade geopolítica do século XXI: um espaço onde a história colonial, as rivalidades militares e as perspectivas econômicas se entrelaçam. Para os Estados Unidos, é um posto avançado de vigilância e controle sobre as rotas comerciais do Pacífico Norte e do Ártico. Para a Rússia, é a memória de uma perda e o ponto mais próximo dos Estados Unidos. Para a China, é uma porta de entrada para um espaço que deseja integrar à sua rede global.

A cúpula Trump-Putin no Alasca não é, portanto, apenas uma foto com um fundo nevado. É parte de uma batalha mais ampla: a de acesso, controle e influência em um Ártico que, à medida em que se aquece, se torna um mar onde ambições, estratégias e duelos entre superpotências se cruzam.

Publicado no [Le Diplomate.Média](#).

**Giuseppe Gagliano é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
